

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO POEMA *BORBOLETAS* DE MANOEL DE BARROS

A SEMIOTIC ANALYSIS OF THE POEM *BUTTERFLIES* BY MANOEL DE BARROS

Évelyn Coelho Paini Webber¹
Maria Luceli Faria Batistote²

Recebimento do Texto: 21/01/2021

Data de Aceite: 20/02/2022

RESUMO: A semiótica discursiva, como ciência da significação busca entender os mecanismos que compõem um texto e como os sentidos construídos nele. Nessa perspectiva, fundamentados nessa teoria este artigo tem por objetivo analisar o poema *Borboletas* de Manoel de Barros por meio do percurso gerativo de sentido, de modo não a esgotar a análise, mas sugerir direcionamentos de leituras possíveis. Como metodologia enfocamos o percurso gerativo de sentido. Apesar de diversos estudos sobre Manoel de Barros, nenhuma análise sobre o referido poema foi encontrada. Os resultados apontam que uma interpretação feita sob a ótica da semiótica permitiu a compreensão dos recursos utilizados pelo enunciador para convencer o enunciário, além da visão de uma metamorfose semelhante a enfrentada pela borboleta possibilitada por meio da metodologia.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica discursiva. Manoel de Barros. Percurso gerativo de sentido.

ABSTRACT: The discourse semiotics, as a science of meaning, seeks to understand the mechanisms that make up a text and how the meanings built in it. From this perspective, based on this theory, this article aims to analyze the poem *Borboletas* by Manoel de Barros through the generative path of meaning, not to exhaust the analysis, but to suggest directions of possible readings. As a methodology, we focus on the meaning-generative process. Despite several studies on Manoel de Barros, no analysis of the poem was found. The results point out that an interpretation made under the optics of semiotics allowed the understanding of the resources used by the enunciator to convince the enunciatee, besides the vision of a metamorphosis similar to the one faced by the butterfly made possible through the methodology.

KEYWORDS: Discourse Semiotics. Manoel de Barros. Generative Path of Meaning.

1 Possui graduação em Letras habilitação Português- Inglês pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS-2016) e mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS- 2019). Doutoranda em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS- 2020). Participa como colaboradora do projeto de pesquisa: Memórias de professores: diálogos sobre o letramento e o ensino de língua portuguesa- ETAPA II. E-mail: evelynmestrado2018@gmail.com

2 Possui graduação em Letras (Português e Inglês) pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS (1988), habilitação em Língua e Literatura Hispano pela Universidade Estadual do Mato Grosso - UNEMAT (2002), especialização em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS (1995), mestrado em Letras (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (2004), doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP - Araraquara (2008) e estágio Pós-doutoral em Linguística pela UFSCAR (2015). Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; atua na graduação no curso de Letras (FAALC) e na pós-graduação no Mestrado e Doutorado em Estudos de Linguagens (FAALC). E-mail: marialucelifaria@gmail.com

Notas introdutórias

Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu no dia 19 de dezembro de 1916, em Cuiabá no Mato Grosso. Morou também em Corumbá (MS) e no Rio de Janeiro. Viveu grande parte de sua vida em Campo Grande (MS), onde permaneceu até a sua morte em 13 de novembro de 2014 (CITELLI, 2009).

Pelo fato de seu pai possuir uma fazenda no Pantanal, o jovem Manoel cresceu em contato com essa biodiversidade, o que viria a ser representado em suas obras mais tarde.

Somente nos anos 1980, sua poesia começou a aparecer ao público por meio de personalidades como Millôr Fernandes, Fausto Wolff e Antônio Houaiss. Escreveu o seu primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado* (1999), numa tiragem de 21 exemplares feitas com o auxílio de amigos.

Manoel de Barros, um escritor que julgava ter “doutorado em formigas”, trata do que seria deixado em segundo plano, por vezes nos apresenta um vislumbre de como a sociedade parece distante dos valores e seu regresso as coisas não essenciais, a um tempo mítico em que poeticamente todos passariam a um estado natural (BARROS, 2017).

Além disso, com suas obras singulares se consolidou como escritor regionalista, ao compor sobre o espaço pantaneiro, além de expor em suas obras traços infantis, metalinguísticos e até mesmo fotográficos. Em análises recorrentes de suas obras o tema infância conta com grande difusão, mas um de seus poemas, denominado Borboletas, presente na obra *Ensaaios fotográficos* se destaca pela riqueza semiótica que nos perpassa e leva-nos a recriar um mundo de ideias.

Com base nisso, tendo em vista a relevância dos estudos semióticos para a compreensão dos significados e em entender os processos de construção deles, nos propomos a analisar o referido poema por meio do percurso gerativo de sentido, de modo não a esgotar a análise, mas de sugerir direcionamentos de leituras possíveis.

Em um primeiro momento, discutimos brevemente sobre o percurso da semiótica discursiva, o percurso gerativo de sentido e cada um de seus níveis. Em seguida, focamos na análise do poema, caracterizando-o segundo a metodologia escolhida. Por fim, apresentamos algumas considerações finais e as referências

utilizadas para o estudo.

A semiótica discursiva: um breve panorama

A Semiótica Discursiva (ou greimasiana) teve como fundador Algirdas Julien Greimas, um linguista de origem lituana que desenvolveu seus estudos em Paris. Essa teoria tem influências de grandes linguistas como Ferdinand de Saussure e Louis Hjelmslev, logo está fundamentada no estruturalismo e compreende a língua como uma instituição social.

Hjelmslev ao expandir os estudos de Saussure sobre o signo linguístico, analisou a forma e substância em cada plano (da expressão e do conteúdo) possibilitando o estudo de cada um separadamente, proporcionando subsídios para o desenvolvimento dos trabalhos de Greimas.

O linguista lituano almejou desenvolver uma teoria semiótica que englobasse todos os sistemas de significação, então em 1966 lança *Semântica Estrutural*, em que inaugura o que viria a ser conhecido como Semiótica Discursiva. Nessa obra Greimas apresenta o texto como unidade maior da significação e uma primeira visão do percurso gerativo de sentido.

Desse modo, a teoria semiótica busca estudar o texto e os mecanismos que o constituem como um todo de sentido (FIORIN, 1995). Isso nos leva a questão a semiótica estuda somente os textos verbais?

[...] o texto, acima definido por sua organização interna e pelas determinações contextuais, pode ser tanto um texto linguístico, indiferentemente oral ou escrito – uma poesia, um romance, um editorial de jornal, uma oração, um discurso político, um sermão, uma aula, uma conversa de crianças – quanto um texto visual ou gestual – uma aquarela, uma gravura, uma dança – ou, mais frequentemente, um texto sincrético de mais de uma expressão – uma história em quadrinhos, um filme, uma canção popular (BARROS, 2005, p.12).

A partir disso, percebemos a amplitude que os estudos semióticos podem abarcar, assim, cabe destacar que apesar de ter desenvolvido mais proficuamente a análise do plano de conteúdo no início, há estudos como os de Floch (1985),

Oliveira (2004), Pietroforte (2004), entre outros que analisaram o plano da expressão, nos mais variados textos, fotografias, pinturas, paisagens urbanas etc.

No que diz respeito a noção de texto, após a Linguística delimitar o sistema e a competência como seus objetos de estudo, diferentes teorias que tratavam sobre o discurso, entendiam o texto por meio de dois conceitos diversos, um como objeto de significação e outro como objeto histórico. Para Fiorin (1995)

Dar ênfase ao conceito de que o texto é um objeto de significação implica considerá-lo um todo de sentido, dotado de organização específica, diferente da frase. Isso significa, portanto, dar relevo especial ao exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como uma totalidade de sentido. [...] Dar destaque à noção de que o texto é um objeto histórico leva a preocupar-se primordialmente com a formação ideológica de que ele é expressão, com as relações polêmicas que, numa sociedade dividida em classes, estão na base da constituição das diferentes formações discursivas (FIORIN, 1995, p.165-166).

Assim, Fiorin (1995) destaca que ambos se complementam, já que em um primeiro momento trata dos mecanismos intradiscursivos e posteriormente dos interdiscursivos. A semiótica francesa não desconsidera o texto como objeto histórico, mas foca em sua primeira definição como objeto de significação e ainda de comunicação, logo busca entender “o que o texto diz e como ele faz para dizer o diz” (BARROS, 2005, p.11).

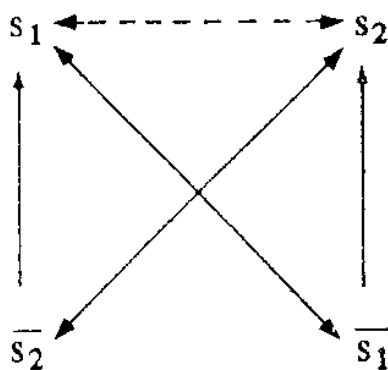
Essa teoria, concebe o processo de construção textual como um percurso gerativo, que vai do mais simples composto pelo abstrato ao mais complexo formado na concretização. Cabe destacar que ele fora elaborado por Greimas não como uma regra, já que se trata de um “simulacro metodológico”, ademais não se afirma que o indivíduo passe de um nível a outro seguindo a ordem em um processo de complexidade e enriquecimento de sentidos (FIORIN,1995). Assim, por meio do percurso gerativo de sentido, que a semiótica desdobra em dois planos: o da expressão e do conteúdo, ela busca explicitar os mecanismos de engendramento do texto.

O percurso gerativo de sentido é composto por três níveis, Barros (2005) nos apresenta algumas considerações, a saber:

- a) o percurso gerativo do sentido vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto;
- b) são estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis;
- c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima;
- d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito;
- e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação (BARROS, 2005, p.13).

Conforme esclarecido pela autora, o primeiro nível é composto pelas oposições semânticas, por exemplo: vida versus morte. Esse nível também fortemente representado pelo quadrado semiótico em que se apresentam os contrários e os contraditórios, conforme podemos observar abaixo:

Figura 01: Quadrado semiótico



- onde: \longleftrightarrow : relação de contradição
 \dashrightarrow : relação de contrariedade
 \longrightarrow : relação de complementaridade
 $s_1 - s_2$: eixo dos contrários
 $\bar{s}_2 - \bar{s}_1$: eixo dos subcontrários
 $s_1 - \bar{s}_1$: esquema positivo
 $s_2 - \bar{s}_2$: esquema negativo
 $s_1 - \bar{s}_2$: déixis positiva
 $s_2 - \bar{s}_1$: déixis negativa

Fonte: Greimas e Courtés (1979, p.365-366)

Com base nisso, em uma breve explicação podemos entender que ao considerarmos um termo s_1 pressupomos seu oposto representado por s_2 em uma relação de contrariedade. Já a passagem de s_1 para s_2 não ocorre de forma direta, mas passa por seus subcontrários $-s_1$ e $-s_2$. Ainda nesse nível, os termos em oposição ao se transformarem em valores podem ser categorizados como eufóricos (positivos) ou disfóricos (negativos).

No segundo nível, o das estruturas narrativas, temos um sujeito em busca de seu objeto de valor, que pode estar em uma relação de conjunção, isto é, ele possui, ou de disjunção, que não o tem (BARROS, 2005).

É nesse nível em que as transformações ocorrem, ou seja, a mudança de estado do sujeito em relação ao objeto de valor. Acerca disso, a semiótica confere quatro funções, são elas: a manipulação, a competência, a performance e a sanção.

Na primeira, um sujeito instiga um outro a querer e/ou dever sobre o objeto de valor, que pode ser uma ordem, pedido ou um desafio, logo pode ocorrer por intimidação, sedução, provocação ou tentativa. Já na competência, há um querer ou dever fazer pelo sujeito, para isso, ele recebe um saber ou um poder fazer.

A performance, seria a ação em si, nela a narrativa tem sua transformação principal, já que o sujeito após receber o saber ou poder fazer realiza a ação e atinge seu objeto de valor. Por fim, na sanção, podemos perceber que a performance

realmente aconteceu, Fiorin (1995) explica que temos dois tipos de sanção, a pragmática e a cognitiva. A primeira seria um prêmio ou castigo, pela segunda o sujeito reconheceria que a performance se deu. Com base nisso, o teórico esclarece que “essas fases mantêm entre si uma relação de implicação recíproca” (FIORIN, 1995, p.169).

No terceiro nível, o das estruturas discursivas, verificamos as marcas deixadas pela enunciação no campo da sintaxe e a concretização das estruturas narrativas tomadas pela semântica por meio da tematização e figurativização.

Em relação a sintaxe, notamos as projeções das categorias de pessoa, espaço e tempo, usadas pelo enunciador a fim de persuadir o enunciatário e estabelecer um contrato entre eles. Sabendo que a enunciação se dá no ego-hic-nunc, as pessoas, tempos e espaços se dão no eu-aqui-agora, ou seja, no momento em que tomo a palavra e me consolido como eu, “ego é quem diz ego”, crio um espaço do aqui e um tempo do agora (momento em que enuncio) (FIORIN, 1996, p.41).

Na busca em criar um efeito de real e aprofundar o contrato enunciador-enunciatário, temas e figuras são utilizados na narrativa. A tematização compreende a abstração de valores, que são concretizados por meio da figurativização, para Greimas e Courtés (1979, p.187) ela pode ser dividida em duas etapas: a figuração e a iconização. A primeira considerada como a “instalação das figuras semióticas” e a última “[...] visa a revestir exaustivamente as figuras, de forma a produzir a ilusão referencial que as transformaria em imagens do mundo”.

A partir disso, entender um texto figurativo compete também interpretar os temas presentes nele. Assim, é por meio dos processos de tematização e figurativização que o enunciador reafirma um simulacro do real, a fim de convencer o enunciatário.

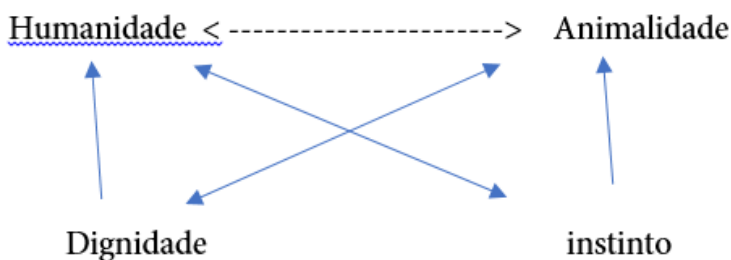
Após essa breve discussão sobre o percurso gerativo de sentido e seus níveis, apresentamos uma análise semiótica sobre o poema Borboletas de Manoel de Barros. A análise de apresenta estruturada seguindo a ordem do primeiro ao terceiro níveis, tendo como foco o plano do conteúdo.

Borboletas: uma análise semiótica

Antes de iniciarmos a análise semiótica, consideramos necessária a exposição do poema em sua totalidade, para que o leitor possa ter um primeiro contato com o texto e assim começarmos a empregar a metodologia escolhida.

Borboletas me convidaram a elas.
O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.
Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens e das coisas.
Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta seria, com certeza,
um mundo livre aos poemas
Daquele ponto de vista:
Vi que as árvores são mais competentes em auroras do que os homens.
Vi que as tardes são mais aproveitadas pelas garças do que pelos homens.
Vi que as águas têm mais qualidade para a paz do que os homens.
Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que os cientistas.
Poderia narrar muitas coisas ainda que pude ver do ponto de vista de
uma borboleta.
Ali até o meu fascínio era azul.
Fonte: Barros (2000, p.59).

Na análise do nível fundamental, percebemos as oposições mínimas como contrários humanidade/humano *versus* animalidade/animal, em uma análise mais profunda, dignidade *versus* instinto como contraditórios. Mas outras oposições ainda seriam possíveis como liberdade/livre *versus* restrição/ preso. Nesse primeiro nível, considerado o mais simples percebemos as estruturas elementares da significação, elas nos permitirão um primeiro olhar sobre o poema, como fora dito no subtópico anterior. Esse nível é comumente representado pelo quadrado semiótico, então a fim de uma melhor visualização das oposições estabelecidas apresentamos abaixo a representação:



O sujeito do discurso desse poema, em um primeiro momento, está em relação de disjunção com o objeto de valor, ou seja, o tornar-se uma borboleta, o que é retratado pelos verbos ser, iria, imaginava, seria, conjugados de modo a um querer mas um não poder (BARROS, 2005).

Em um segundo momento, a partir do verso “Daquele ponto de vista:” o poema parece transformar-se, mudando seus verbos para vi, são, tem, sabem e narrar, o que nos leva a questionar se a relação com o objeto de valor teria se modificado, e passado a ser de conjunção, isto é, que o sujeito teria alcançado seu objeto de valor e então um querer e um poder.

Já no terceiro nível, o das estruturas discursivas, analisamos o poema no que se refere ao discurso, em especial, nas atribuições de pessoa, espaço e tempo (sintaxe) e na figurativização e tematização (semântica). No nível discursivo, percebemos o emprego da debreagem enunciativa, já que o enunciador, claramente exposto no texto, configura-se como “eu”, como, já nos primeiros versos, é possível observar:

“Borboletas me convidaram a elas
 O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.
 Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens e das coisas[...]”.

Com relação ao tempo, o poema se apresenta num tempo anterior ao presente, como descrito abaixo:

Borboletas me convidaram a elas.
 O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.

Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens e das coisas.
Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta seria, com certeza,
um mundo livre aos poemas.

A partir dos termos destacados, percebemos o uso do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito, isto é, não é no momento presente em que enuncia. Além disso, o uso do futuro do pretérito diz respeito a algo que poderia ter ocorrido após uma situação no passado, já o pretérito imperfeito diz respeito a uma ação ocorrida, mas não finalizada no passado. Com base nisso, ao seguir a leitura do poema percebemos uma mudança em seus verbos como já descritos anteriormente, representados pelo pretérito perfeito, sugerindo que uma ação ocorreu e terminou no passado, entretanto quando lemos os dois últimos versos e retomamos a incerteza sobre o sujeito e o objeto de valor percebemos que ele não o alcançou, já que os tempos do futuro do pretérito e pretérito imperfeito reaparecerem, vejamos:

“[...] Poderia narrar muitas coisas ainda que pude ver do ponto de vista de/ uma borboleta. /Ali até o meu fascínio era azul”.

Com relação ao espaço, ele ocorre em um espaço do *lá*, que não é o aqui “agora”, como percebemos pelos versos:

“Daquele ponto de vista:” / [...] Ali o meu fascínio era azul”.

Isso nos remete a afirmação de Fiorin (1996) em que declara as astúcias da enunciação, ao afirmar que ela cria um tempo presente da enunciação como aqui agora, para contar o que houve num tempo e espaço anteriores ao presente.

Além disso, a fim de conferir um maior efeito de real, o enunciador se vale de recursos como a figurativização e tematização, que podem ser melhor expressos pelos versos abaixo, neles ele (enunciador) confere a animais e coisas capacidades que seriam humanas, mas ao mesmo tempo permite que estabeleçamos relações com seres e momentos que nos são conhecidos e tidos como reais.

Vi que as árvores são mais competentes em auroras do que os homens.

Vi que as tardes são mais aproveitadas pelas garças do que pelos homens.

Vi que as águas têm mais qualidade para a paz do que os homens.

Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que os cientistas.

[...] Ali até o meu fascínio era azul

Assim, o enunciador recobre-se de temas como competência, aproveitar (algo), fascínio, capacidade e saber, elementos conferidos apenas a seres humanos e os figurativiza atribuindo aos seres vegetais e animais, o que nos permite reforçar as oposições destacadas no primeiro nível: humanidade/humano *versus* animalidade/animal.

Além disso, o poema de Manoel de Barros nos leva a uma interpretação mais profunda, compreendendo-o como as fases de uma borboleta, que se passa em um tempo mítico, a partir do momento em que o enunciador recebe o convite e passa a desejar (existe uma sedução e um *querer*) tornar-se uma borboleta, então inicia uma reflexão sobre como seria após o ciclo de metamorfose que se estende com os versos seguintes. Assim, a partir do sexto verso, notamos as transformações expostas em seus verbos, sugerindo que o ciclo havia sido concluído, que a lagarta deixara o casulo como uma bela borboleta, mas Barros nos leva além porque por meio da análise semiótica percebemos que é o *não poder* do sujeito que permite toda a trama da narrativa e nos proporciona essa riqueza de leitura.

Considerações finais

Esse artigo se propôs a analisar o poema Borboletas de Manoel de Barros, a partir dos três níveis do percurso gerativo de sentidos da semiótica discursiva, tendo como foco não esgotar as possibilidades de interpretação, mas de propor algumas visões basilares sobre o mesmo.

Por meio de uma reflexão percebemos que o poeta cria oposições fundamentais como humano *versus* animal, e ao se valer de um tempo anterior ao momento da enunciação e um espaço do lá, reforça por meio da instalação das categorias enunciativas que todo o desenrolar do poema ficou em um querer fazer, mas um não poder fazer, ou seja, no plano das possibilidades.

Por fim, com elementos de tematização e figurativização a ideia acima é fundamentada, trazendo não só beleza ao poema, mas busca firmar o contrato de veridicção com o enunciatário.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.

BARROS, Manoel de. **Ensaio fotográficos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Poemas concebidos sem pecado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. **O guardador de águas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

CITELLI, Adilson. A poesia de Manoel de Barros: entre o regional e o universal. **Revista Eca**, ano XIV, n.03, set-dez.2009.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo, Ática, 1996.

_____. A noção de texto em semiótica. **Organon** – Revista do Insitituto de Letras da UFRGS, v.9, n.23. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

FLOCH, Jean-Marie. **Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit**: pour une sémiotique plastique. Paris/Amsterdan: Hadés/Benjamins, 1985.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima. São Paulo: Cultrix, 1979.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica Estrutural**. Tradução de Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: Edusp,1973.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. **Semiótica visual**: os percursos do olhar. São Paulo: Contexto, 2004.